



EIXO 11. FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

CARTA PEDAGÓGICA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Leandro Gileno Militão Nascimento
UNEB/SMED
leogmnascimento@gmail.com

Jane Adriana Vasconcelos P. Rios
UNEB
jrrios@uneb.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é evidenciar a relevância da carta pedagógica como forma de registro e dispositivo no processo de formação docente que acontece no cotidiano das escolas de Educação Básica. O estudo resulta da pesquisa desenvolvida no doutoramento, tendo como colaboradoras professoras gestoras do município de Salvador. Optamos pela utilização do dispositivo de *pesquisaformação* da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas – DNEP (Suárez, 2022) para trazer as professoras gestoras para o protagonismo e autoria dos processos formativos. Dessa forma, as professoras gestoras foram convidadas através de uma carta convite a participarem da pesquisa que aconteceu no ano de 2022-2023 e que resultou na tese *Entre fios das narrativas, retalhos e costuras coletivas: Experiências pedagógicas de professoras gestoras em contexto de diversidade* que teve como objetivo conhecer e compreender as experiências pedagógicas das professoras gestoras construídas na relação com a diversidade que atravessa o cotidiano escolar. As cartas foram escritas a partir das seguintes consignas: como foi o processo da docência para a gestão escolar? Quais as minhas experiências pedagógicas na gestão escolar em contexto de diversidade? As professoras gestoras escreveram as primeiras cartas, houve as trocas entre as elas, foi um momento também muito importante, dar-se a ler a escrita da outra pessoa, exercitar uma escuta sensível, de respeito e aprendizagens. As cartas contaram e refletiram histórias que contribuíram para pensar na atuação da professora gestora na



gestão escolar. Como ela chegou até esse lugar, o que fazem, narram, quais experiências pedagógicas em contexto de diversidade. Nesse diálogo colaborativo, foram aprendendo com experiência narrada e refletida na coletividade num processo de auto/co/conformação.

A carta é um gênero ligado a pessoalidade e constitui uma relação de dialogicidade e circularidade entre os envolvidos no processo formativo. No caso da DNEP, a carta pedagógica tornou-se uma importante forma de registro e fonte de conhecimento que fortaleceu o coletivo docente a escreverem/registram suas trajetórias, seus posicionamentos, suas condições de trabalho, com o potencial de rememorar experiências vividas, por meio de registros de ações individuais e coletivas. Nos movemos, dialogamos e foi, exatamente, nessa relação de troca que nos movimentamos na escrita. Nessa escrita de si, encontramos muito de nós. Foi assim que as professoras gestoras perceberam esse processo. A escrita do outro, tem muito de mim, da minha *vidaprofissão*.

O estudo sobre cartas pedagógicas buscou inspiração em Paulo Freire (2000) que usou desse dispositivo para se comunicar, reivindicar e escrever experiências. Para ele, a carta era protegida do simplismo, da arrogância, do cientificismo acadêmico. Ou seja, as cartas pedagógicas deveriam transparecer as experiências na seriedade e na segurança com que fossem escritas, trazendo a abertura ao diálogo e o gosto da convivência com o diferente. Com base nesse entendimento, observando e participando de escritas de cartas no Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as, podemos afirmar que a carta nesse processo da pesquisa promoveu um diálogo formativo, possibilitou registrar histórias e fissurar as regulações propostas nas formações e práticas pedagógicas. As professoras gestoras participaram da construção e produção de sistematização de experiências, fundamentada na análise reflexiva e crítica de um documento escrito.

A carta, enquanto dispositivo autobiográfico potencialmente formativo, consitiu-se como um registro de informações e experiências que produzem conhecimentos e saberes. Vieira e Bragança (2020, p. 7) dizem que: “Cartas revelam contextos, lugares, momentos pessoais das histórias dos sujeitos e sempre na busca por uma interlocução direta entre remetentes e destinatários, entre quem escreve e quem lê.” As contribuições trazidas por Vieira e Bragança (2020) nos levam a pensar esse movimento nos encontros da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. As cartas



revelaram muitas coisas, trouxeram pessoas, lugares, experiências, lembranças que foram compartilhadas com os destinatários e depois na coletividade. Uma escrita intimista que consegue cumprir o seu papel de comunicação. Para Moraes e Paiva (2018, p. 11) “a carta é um documento, peça para o diálogo, prosa, comunicação mais direta, coloquial, direcionada a um interlocutor. Há nelas um sentido, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo, coloquial e formal, prosaico e poético”. E foi nesse movimento que as colaboradoras através das leituras das cartas promoveram um diálogo Freiriano. Libertador, pautado em princípios como humildade, empatia, amor, esperança, criticidade, autonomia. Nesse contexto, as cartas trouxeram anúncios e denúncias e a intenção foi buscar a composição de sentido, as articulações narrativas, discursivas que foram dando conta das experiências vividas pelas professoras gestoras na gestão escolar e buscando apresentar o que aprenderam com tais experiências.

A carta foi um lugar da (re)existência, provocou um movimento formativo, um espaço epistemológico a partir do qual pensar a diversidade no contexto da gestão a partir das diferenças e trazer para a discussão na escola questões que não estão postas no currículo oficial. Esse movimento demonstrou que as professoras gestoras produziram movimentos de (re)existência, insurgência e de insubordinação pedagógica a partir de diferentes modos de ser, fazer e estar na gestão escolar.

Nas leituras e reflexões da escrita das cartas, pensamos e discutimos a formação docente partindo dos saberes e conhecimentos que circulam no cotidiano da escola. As cartas pedagógicas trocadas entre as professoras gestoras anunciaram o desejo delas em participar das decisões e implementações das políticas educacionais que chegam à escola, contribuindo com o processo a partir de suas próprias experiências com a comunidade escolar. Querem ser consultadas, ouvidas e respeitadas.

Com a escrita das cartas, leituras entre pares, fomos construindo juntos/as um processo de auto/co/conformação que revelou os saberes-fazer das professoras gestoras no exercício da profissão e trouxe o espaço escolar como um campo profícuo de formação e pesquisa, fortalecendo a política de conhecimento que é construída de forma horizontal.

Palavras chaves: Cartas; Formação docente; Narrativas; Educação Básica



Referências:

FREIRE, Paulo, 1921-1997. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

MORAES, Ana Cristina de; PAIVA, Darlan Lima. *Cartas Pedagógicas: reflexões de docentes da educação básica e superior*. Fortaleza: EdUECE, 2018.

SUÁREZ, Daniel. Prefácio: Comentarios de lectura em conversación con uma obra pedagógica. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos P. (org.). **Documentação narrativa de experiências pedagógicas**: por outros movimentos insubmissos da formação docente na educação básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 9-20.

VIEIRA, Juliana. Bragança, Ferreira de Souza Inês. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), v. 6, 2020, p. 01-17 Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br>.